

# ARTIGOS

---

## ALGUNS ASPECTOS DO MONASTICISMO IRLANDÊS, ATRAVÉS DA "HISTORIA ECCLESIASTICA GENTIS ANGLORUM", DO VENERÁVEL BEDA (\*).

---

A Irlanda, transformando-se logo após sua evangelização por São Patrício na *Insula sanctorum et doctorum*, oferece-nos uma exuberância de fontes para o estudo dos primeiros séculos da Igreja Irlandesa. É realmente espantoso o número de anais, martiriológicos e de *vitae sanctorum* que aí surgiram após a cristianização.

A sociedade irlandesa, baseada no sistema de clã, apresentava um caráter nitidamente aristocrático. Como acontece geralmente em tôdas as sociedades assim organizadas, grande importância se dava à memória de fatos do passado que justificassem o orgulho, o prestígio e as vantagens da classe dominante. Na Irlanda pagã, tais fatos eram narrados pelos bardos, os *fili*. Os cronistas dos mosteiros e os hagiógrafos serão os continuadores dessa velha tradição, para o que recorrerão aos *fili*. Esses monges-cronistas tiveram de vencer uma primeira etapa: a sincronização dos fatos do passado irlandês com a cronologia do esquema da história universal que dominava no mundo cristão da época (1). Na recém-convertida Irlanda era necessário ligar a vida dos heróis, dos santos e dos reis convertidos ao esquema histórico cristão, que remontava aos mais longínquos períodos bíblicos. Esse fato tinha tanta importância para os irlandeses que o historiador recebia, nessa época, o nome de *fer comgne*, o que quer dizer sincronizador (2). Isso, entretanto, prejudica muito a utilização desses documentos antigos para refazer a história do monasticismo irlandês dos primeiros séculos que se seguiram à obra de São Patrício, pois os fatos históricos estão de tal forma entrelaçados com elementos tirados dos testamentos, que uma distinção se torna impossível. Mas os anacronismos, a incoerências e as inverossimilhanças encontradas nesses escritos não são explicados apenas por esse fato. O trabalho do historiador é também muito dificultado pelo fato de aparecerem centenas de monges irlandeses com o mesmo nome, o que natural-

---

(\*) . — Trabalho apresentado para nota de aproveitamento no Curso de Especialização da Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

(1) . — Como exemplo desse tipo de história sincronizada, tão comum em toda Idade Média, pode-se apontar a crônica de Eusébio (270-340 D. C.).

(2) . — Flower, Robin — *The Irish Tradition*, p. 5.

mente deu e dá margem a grandes confusões. Muitas “vidas de santos” que nos chegaram foram escritas um, dois, às vèzes até cinco séculos depois da sua morte. O cronista, então, não só lança mão de lendas, mas também procura caracterizar a época que está retratando em função do meio em que vive. Além disso, é sabido que o caráter do celta, e, portanto, do irlandês, é essencialmente sonhador e místico. As lendas sôbre os santos irlandeses mostram que o apêlo do cristianismo ao mundo celta foi dirigido principalmente à imaginação e ao coração. As suaves e melancólicas paisagens da Irlanda contribuíram apenas para aumentar essa tendência. Mais ainda, os irlandeses, até a época das invasões normandas, nunca sofreram uma pressão externa. E’ por isso que tôdas as fontes sôbre o monasticismo caracterizam-se por certa falta de concentração e pela ausência de espírito sintético. E’ bom, entretanto, não esquecer que os hagiógrafos não queriam fazer história: sua finalidade era apenas tocar os corações, aumentar a religiosidade e o misticismo do leitor. Um exemplo típico seria a *Vita S. Columbae*, de Andamnanus, nono abade de Iona, escrita um século depois da morte do santo. Na infância, o autor certamente falara com indivíduos que haviam conhecido pessoalmente São Columba. No entanto, sua obra não é pròpriamente uma biografia, mas uma coleção de milagres. Além disso, é difícil conceber a atmosfera social de Iona de Columba, pois há poucos dados nesse sentido (3). Mesmo Montalembert, mais poeta que historiador, apesar de elogiar muito essa biografia, diz ser o conjunto “infelizmente desprovido de qualquer ordem cronológica” (4). Êsses defeitos todos dificultam bastante o trabalho do historiador, que só com muito cuidado pode utilizar os anais e as *vitae sanctorum*.

Existe, entretanto, outra fonte, sem dúvida mais precisa, para o estudo de alguns aspectos da Igreja Irlandesa. E’ a *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*, escrita por volta de 731, pelo Venerável Beda (672 ou 673-735). Sendo uma história eclesiástica da Inglaterra, naturalmente não poucas vèzes teve Beda de se referir à Irlanda e aos monges irlandeses que vieram converter os anglo-saxões. O monasticismo irlandês produziu grande número de santos não só na Irlanda, mas também na Escócia e na Nortúmbria. E é por causa da descrição da vida dêsses monges e santos irlandeses e de suas obras que a *Historia Ecclesiastica* constitui uma fonte, guardadas as devidas proporções, importante ainda que muitas vèzes menosprezada, para o estudo dos primeiros séculos da vida monástica na Irlanda (5). Beda escreveu numa época e num lugar, a Nortúmbria, em que a memória dêsses irlandeses catequisadores estava ainda bem viva, fornecendo assim elementos de grande valor para o historiador.

(3). — Coulton, G. G. — *Scottish Abbeys and Social Life*, p. 12.

(4). — Montalembert, Le Comte de — *Les Moines d’Occident*, III, p. 102.

(5). — Trevelyan, George Macaulay — *History of England*, n. 54, já reconhece o valor de Beda para o estudo da vida monástica irlandesa.

Em geral, os autores estão de acôrdo com as qualidades da *Historia Ecclesiastica*. Por tôda obra percebe-se nitidamente certa unidade. Beda soube coordenar os fragmentos recebidos e com êles formar uma história em que há uma seqüência lógica. Sua obra histórica apresenta a situação dramática não só da Inglaterra, mas de todo o mundo civilizado. Beda teve a facilidade de ter nascido na Nortúmbria, região em que era grande o interesse pela história, devido à influência irlandesa. “A *Historia Ecclesiastica* de Beda é a resposta de um grande sábio a uma grande oportunidade”, como diz Stenton (6).

Pela sua *Historia Ecclesiastica*, percebe-se que Beda sofreu diversas influências. Em primeiro lugar êle é um saxão, e isso se reflete em sua obra pela moderação, pela profundidade e pelo “auto-contrôle”. Seu entusiasmo pelo desenvolvimento de uma ordem na Igreja demonstra claramente a influência romana, que aumentou muito na Nortúmbria depois do sínodo de Whitby, influência essa que trouxe do continente uma visão mais larga da realidade. Após um estudo mais demorado da *Historia Ecclesiastica* vê-se que, sem dúvida, a maior influência é a celta, que trouxe a emoção, a devoção e o interesse espiritual, que Beda herdara de seus mestres irlandeses. Por meio de Trumberct, seu mestre, entrou em contacto com as tradições científicas da Irlanda (7). Graças à influência irlandesa, aprendeu Beda a amar a história e a procurar a verdade histórica. A combinação dessas influências é responsável pelas características da sua obra.

Apesar das inúmeras lendas, visões e milagres que transcreve, tem um espírito crítico bastante aguçado. Considerando-se apenas a parte puramente histórica, a *Historia Ecclesiastica* pode ser julgada tão estritamente como qualquer trabalho histórico de qualquer época (8). “Numa época em que pouco era empreendido além do registro do fato, êle atinge a concepção de história. E’ em virtude dessa concepção que a *Historia Ecclesiastica* ainda vive decorridos doze séculos (9). Aliás, é Beda mesmo quem revela suas idéias sôbre o historiador. Lamenta primeiro a “imperfeita compreensão da observação da páscoa” de S. Aidan, o bispo de Lindisfarne. Depois, “como verdadeiro historiador, descrevendo com simplicidade aquilo que por êle ou através dêle foi feito e louvando o que é digno de ser louvado”, prossegue enumerando as qualidades do santo (10). Isso, entretanto, não quer dizer que não seja às vêzes parcial, narrando um fato. Ao lado de trechos de pura história, Beda nos conta muitas lendas, milagres e visões. À primeira vista, isso poderia diminuir o valor da *Historia Ecclesiastica*, mas Beda sempre conseguiu evitar que sua obra se transformasse em mero

(6). — Stenton, F. M. — *Anglo Saxon England*, p. 186.

(7). — Jacquin, A. M. — *Histoire de l’Église*, II, p. 478.

(8). — Stenton, F. M. — *Op. cit.*, p. 187.

(9). — *Ibidem*.

(10). — Beda, *Historia Ecclesiastica*, III, p. 17.

relato de milagres. Não se deve esquecer o momento histórico em que sua obra foi escrita. Pela simples leitura, vê-se nitidamente que na Inglaterra dominava “uma atmosfera que, mesmo quando reconciliada com o cristianismo, continuava triste e sombria”, como diz Vita D. Scudder em sua introdução à edição do Beda (11). Além disso, é bom lembrar que na mesma época em que foi escrita a *Historia Ecclesiastica*, os bardos da côrte da Nortúmbria ainda não tinham esquecido *Beowulf*, a velha lenda dos germanos pagãos. A consciência cristã da época exigia o relato dessas visões, dêsses milagres. Beda distingue bem o caráter místico e lendário da verdade histórica, o que não acontece em geral com as fontes irlandesas, em que o real e o imaginário estão de tal maneira ligados, que uma distinção se torna difícil. Beda só relata milagres em épocas das quais êle obteve notícias por meio de tradições. Outro fato interessante é que o relato de coisas sobrenaturais, que são experiências de almas peregrinas, aparece quase sempre ligado aos celtas, aos irlandeses. Êsse fato, entretanto, só aumenta o valor da obra de Beda, pois dessa maneira alia a tradição mística irlandesa à seriedade de um historiador.

Apesar da doutrina teológica de São Patrício, o apóstolo da Irlanda, ser das mais ortodoxas possíveis (12), percebe-se que a Igreja Irlandesa, logo após a evangelização, apresenta-se com uma individualidade bem pronunciada, distinguindo-se da organização da Igreja do continente, imediatamente sob o contrôle de Roma. Já Beda percebeu a diferenciação, mostrando em tôda a sua obra ter consciência dos fatos que faziam com que a Igreja Irlandesa apresentasse uma individualidade própria. Quais são êsses fatos? Sistematizando-se as idéias sôbre o monasticismo irlandês, espalhadas desordenadamente por tôda a obra, chega-se à conclusão de que, para Beda, a Igreja Irlandesa apresentava três aspectos, que não pareciam com a mesma intensidade na Igreja Romana: a organização eclesiástica que, graças a seu caráter nitidamente monástico, diferia bastante da da Igreja Romana; a vida ascética dos monges e eremitas e sua dedicação à cultura; e o problema da páscoa. Na realidade, dá Beda muito mais ênfase a êsse último problema.

Para bem se compreenderem as características da Igreja Irlandesa, convém ver em primeiro lugar como se deu a evangelização dêsse país.

A Irlanda jamais pertencera ao Império Romano: sempre fôra independente e nunca sofrera a influência dos ideais romanos. Era um solo virgem, em que a antecessora de nossa cultura ocidental não tinha deixado vestígios. Como, então, o cristianismo conseguiu implantar-se na velha Hibernia? Na História, muitas vêzes, fatos de grandes conseqüências ficam para sempre envoltos

(11). — Beda, *Op. cit.*, tradução de John Stevens (Everyman's Library).

(12). — Gougaud, Dom Louis — *Les Chrétientés Celtiques*, p. 47.

em mistério. E' o que acontece no tocante à evangelização da Irlanda. Beda uma única vez se refere ao problema. "Palladius é enviado como primeiro bispo junto aos escotos crentes em Cristo pelo pontífice da Igreja Romana Celestino" (13). Beda dá como data 431. Dessa afirmação de Beda, pode-se concluir que em 431 já havia na Irlanda "escotos crentes em Cristo" e certamente Roma não teria enviado um bispo se não houvesse cristãos. Aliás, a afirmação de Beda está inteiramente de acôrdo com as da Crônica de Prosper da Aquitânia, escrita por volta de 437. Diz êle: "Palladius, ordenado pelo Papa Celestino, é enviado como primeiro bispo junto aos escotos crentes em Cristo" (14). Em outro livro de Prosper, *Liber contra Collatorem*, escrito entre 432 e 440, há a seguinte frase, louvando o Papa Celestino: "e tendo sido ordenado (Palladius) bispo entre os escotos, enquanto procura conservar a ilha romana católica, tornou também a bárbara cristã" (15). Como diz o autor do capítulo referente à conversão dos celtas na *Cambridge Medieval History*, F. E. Warren (16), essas afirmações devem ser admitidas como verdade histórica, pois não há motivos para crer que Prosper tivesse recebido informações falsas. Alguns autores negam a autenticidade da missão de Palladius, devido à ausência de tradições a êsse respeito na Irlanda, e porque ambos os autores que se referem a Palladius se esqueceram de mencionar o verdadeiro apóstolo dos irlandeses, São Patrício. Dê-se fato quiseram alguns historiadores concluir pela identidade entre Palladius e São Patrício. Gougaud, entretanto, explica êsse lapso pelo fato de Prosper ter escrito por volta de 437 sem, portanto, ter tido ainda conhecimento da obra de São Patrício, e graças ao fato de ser Beda apenas o historiador dos inglêses e que só incidentalmente se refere à Irlanda (17). Das passagens de Beda e de Prosper, deduz-se que na Irlanda havia cristãos antes de 430, fato aliás comprovado por inúmeros outros documentos. A proximidade geográfica do continente e da Grã-Bretanha cristianizados explica a penetração do cristianismo. Na Irlanda foram encontradas moedas romanas do primeiro ao quinto séculos D. C. (18), o que vem demonstrar que havia contactos entre os povos do continente e os irlandeses. Êstes faziam expedições guerreiras escravizadoras e colonizadoras ao continente e à Grã-Bretanha já cristianizados. O professor Zimmer, fazendo profundos estudos das palavras litúrgicas irlandesas, chegou à conclusão de que foi por intermédio dos bretões que o cristianismo penetrou na Irlanda (19). Por

(13). — Beda, *H. E.*, I, 13: E' bom não esquecer que até à época de Beda os irlandeses eram chamados de escotos.

(14). — In *The Cambridge Medieval History*, II, p. 502; "Ad Scottos in Christum credentes ordinatur a Papa Caelestino Palladius es primus episcopus mittitur".

(15). — *Ibidem*, p. 503; "et ordinato Scottis episcopo dum Romanam insulam student servare catholicam fecit etiam barbaram Christianam": A ilha romana é a Grã-Bretanha e a bárbara a Irlanda.

(16). — *Ibidem*, p. 502.

(17). — Gougaud, *Op. cit.*, p. 41.

(18). — *The Cambridge Medieval History*, p. 504.

(19). — *Ibidem*, p. 505.

meio de todos êsses contactos, o cristianismo penetrara lentamente, pois quando São Patrício chegou à Irlanda, em 432, havia ainda muitas regiões que nunca tinham sido visitadas por um cristão. O apóstolo mais venerado pelos irlandeses é São Patrício, que, ainda menino, foi levado como escravo para a Irlanda. Fugindo, conseguiu estabelecer-se na Gália, onde se preparou para evangelizar a Irlanda. Em 432, embarca para a Irlanda, onde trabalha como evangelizador até sua morte em 461. Escreveu inúmeras obras, existindo, entretanto, muitas apócrifas. O grande número de lendas que se criaram em tôrno de seu nome, transformando-o em verdadeiro herói nacional, bem mostra sua influência e a impressão que causou sôbre os escotos a sua luta contra o paganismo (20).

A cristianização da Irlanda foi relativamente fácil e rápida; não houve grandes oposições nem martírios. São Patrício, como todos os outros santos irlandeses, converteu os pagãos ao cristianismo com sua simplicidade, modéstia e suavidade. “Pela primeira vez, nós constatamos como era muito mais favorável à semente cristã um solo que a sociedade da Antigüidade não corrompera. No continente, essa herança da Antigüidade não provocou, mesmo na Igreja, senão perturbações e decadência” (21). São Patrício, entretanto, não foi só o cristianizador da Irlanda; foi também o organizador da Igreja Irlandesa. São Patrício começou a obra evangelizadora com alguns companheiros. Quando convertia um irlandês importante, pedia um terreno para construir uma igreja e no local deixava um monge ou um sacerdote, para tomar conta dos neófitos (22). Certamente recebia também reforços da Gália, depois de bem estabelecido, para organizar as comunidades nascentes e para estabelecer uma hierarquia (23). Deixava aos missionários, quando dêles se separava, uma espécie de catecismo, os *elementa* ou *abgitorum* (abecedário), como diz o biógrafo de São Patrício, Tirechan. Parece que queria implantar na Irlanda o sistema de organização que aprendera em Auxerre, na Gália.

No trecho em que o Venerável Beda narra a organização do mosteiro de Iona, fundado pelo santo irlandês São Columba em 563 ou 565, involuntariamente nos dá êle tôdas as características da organização eclesiástica predominantes na Igreja Irlandesa. “Além disso, a dita ilha sempre costuma ter como diretor um abade-sacerdote, a cuja autoridade tôda a província e também os próprios bispos deviam, segundo uma ordem não usual, estarem sujeitos, de acôrdo com o justo exemplo daquele primeiro mestre que não foi bispo, mas sacerdote e monge” (24). Beda mostra cla-

(20). — Gougaud, *Op. cit.*, p. 57.

(21). — Schnuerer, Gustave — *L'Église et la Civilisation au Moyen Age*, I, p. 317.

(22). — Gougaud, *Op. cit.*, p. 51.

(23). — *Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne et de Liturgie*, publicado por D. Ferdinand Cabrol e D. Henri Leclercq, VII, coluna 1472.

(24). — Beda, *H. E.*, III, p. 4.

ramente que o mosteiro é o centro da organização eclesiástica irlandesa e que o abade, monge ou sacerdote, é a autoridade suprema. É o abade que dirige a província, sendo que mesmo o bispo lhe está sujeito. A divisão territorial para o estabelecimento de uma jurisdição eclesiástica não é feita a partir do bispado, mas do mosteiro. De fato, dentro do quadro do cristianismo ocidental, diretamente sob a direção de Roma, esse fenômeno segue uma *ordo inusitata*, como diz Beda.

A organização eclesiástica da Irlanda, na época de Beda e mesmo posteriormente, caracteriza-se por uma falta de estabilidade e de ordem, o que Beda mostra perceber quando fala das tentativas missionárias dos irlandeses na Inglaterra. Essa falta de organização deu origem ao fracasso da tentativa de Colman. Numa ilha a oeste da Irlanda, Inisboufinde, estabeleceu-se êle com monges ingleses e irlandeses do mosteiro de Lindisfarne que não se conformaram em obedecer à resolução do rei Oswy, tomada no sínodo de Whitby (664), com relação à fixação da data da páscoa. “E como êles não chegassem a um acôrdo, pois os escotos no verão, quando os cereais deviam ser colhidos, deixavam o mosteiro e dispersos vagueavam pelos lugares que conheciam; mas na verdade, vindo o inverno, voltavam e desejavam usar em comum as coisas que os anglos tinham preparado” (25), Colman resolveu, então, fundar um outro mosteiro para os ingleses. Isso certamente não teria acontecido se os irlandeses tivessem uma ordem pré-estabelecida em seus mosteiros, à qual todos deveriam obedecer.

Na Irlanda, os mosteiros, focos de renovação moral, foram muito mais numerosos que em outros países. Ao que parece, os mosteiros irlandeses eram na maior parte muito grandes. Beda diz que no mosteiro bretão de Bangor, sôbre o Dee “havia tão grande número de monges, que esse mosteiro era dividido em sete companhias... sendo que nenhuma dessas companhias tinha menos de 300 pessoas” (26). Apesar de se tratar de um mosteiro bretão, esse número pode também valer para um mosteiro irlandês, devido às semelhanças existentes entre o cristianismo irlandês e o bretão. Segundo certos cronistas, alguns mosteiros irlandeses tinham mais de 3000 monges (27). Diz Gougaud que o que é de estranhar não é tanto o grande número de monges em um mosteiro, mas a existência de elevado número de grandes mosteiros (28). Os mosteiros eram povoados por monges que aspiravam com uma convicção admirável à perfeição cristã.

Na realidade, o mosteiro se impôs ao irlandês recentemente convertido como o único tipo possível de organização eclesiástica. Muito se tem escrito sôbre as causas de a Igreja Irlandesa se:

(25). — Beda, *H. E.*, IV, 4.

(26). — *Ibidem*, II, 2.

(27). — Gougaud, *Op. cit.*, p. 82.

(28). — *Ibidem*.

apresentar como organização caracteristicamente monástica e sem um episcopado territorial. Surgiram as mais variadas hipóteses, algumas das quais completamente sem fundamento. Assim, por exemplo, um historiador, Alexander Bertrand, baseando-se no rápido progresso do cristianismo na Irlanda, afirma que o monasticismo irlandês é autóctone, sendo o resultado da transformação e conversão das antigas confrarias druídicas (29). Entretanto, como demonstra Gougaud tal hipótese é completamente destituída de fundamento, pois os druidas combateram o cristianismo, e, por sua vez, os cristãos evitaram os druidas. Além disso, não há provas de que na Irlanda tenham existido congregações druídicas semelhantes às existentes na Gália de César (30). Como outros autores, J. E. King, por exemplo, diz na introdução a sua tradução de Beda (31) que, ainda na sua época, o monasticismo irlandês revelara traços de origem oriental no seu ascetismo extremado e na sua devoção à vida de eremita. Também Gougaud diz que “é incontestável que os ensinamentos dos monges egípcios tenham vindo para a Irlanda e tenham tido um papel de importância no desenvolvimento ascético do país” (32). Essas relações, entretanto não ficaram bem esclarecidas. Talvez o ascetismo oriental tenha influido apenas por intermédio dos monges ocidentais. O melhor é explicar a organização eclesiástica do país e o predomínio dos mosteiros pela originalidade do temperamento celta, pelas particularidades geográficas e pela organização político-social da Irlanda. O povo irlandês caracteriza-se por um zelo apostólico e por uma religiosidade fora do comum. E’, como diz Frederic Ozanam, “o primeiro ardor da fé, que em todos os outros lugares conduziu os cristãos ao martírio, impulsionou os neófitos irlandeses ao mosteiro” (33). E isso porque tinham natural queda para o ascetismo, para a mortificação. Afastada de Roma, sem nunca ter sofrido influência de qualquer potência, a Irlanda não pôde adotar o cristianismo assim como lhe fôra imposto, apesar de sempre ter reconhecido a supremacia de Roma em matéria de religião. O cristianismo teve forçosamente de se adaptar às condições do país. Quando se deu a evangelização, a Irlanda, graças a sua descentralização política, era um país de guerras, onde ainda existia a escravidão. O mosteiro era assim um refúgio e a necessidade de coesão entre os cristãos deu importância aos mosteiros. A organização eclesiástica e o predomínio dos mosteiros serão explicados pela existência de clãs, que constituíam a base da sociedade irlandesa, pela importância que estes tiveram na evangelização e também pela ausência de cidades ou de qualquer outra forma de centralização de poder. E’ como diz

---

(29). — In Gougaud, *Op. cit.*, p. 69.

(30). — *Ibidem*.

(31). — Beda, *H. E.*; tradução de J. E. King, p. XIX.

(32). — Gougaud, *Op. cit.*, p. 70.

(33). — *La Civilisation chez les Francs*, 1849; in Gougaud, *Op. cit.*, p. 73.



G. G. Coulton: “a alma do monasticismo celta era o cristianismo, mas seu corpo era a tribo ou a família” (34). Pode-se mesmo dizer que o mosteiro, logo depois da conversão, confunde-se com o clã. O seu chefe, sendo geralmente o primeiro convertido, oferece uma área à igreja ou ao mosteiro dentro da superfície do clã. E em troca, os monges e sacerdotes deviam cuidar aí da religião (35). Esse convento é muitas vezes mantido pelos próprios membros do clã (36), cujo chefe nomeia como abade um membro de sua família, que será naturalmente o chefe espiritual (37). Os abades são em geral sempre da mesma família. Assim, por exemplo, em Iona, dos onze primeiros abades, nove eram do clã do fundador. Beda, falando de Columba, diz que “êle deixou sucessores” (38), expressão essa que parece revelar que êle deixou indicado o seu sucessor, fato, aliás, comprovado por muitas outras fontes. E’ interessante verificar que o nome dado aos sucessores de um santo, como, por exemplo, aos de São Patrício, é *co-arb*, o que significa literalmente herdeiro (39). Como mostra Beda, o bispo está sujeito ao abade, isto é, o bispo em matéria de jurisdição eclesiástica submete-se ao abade. O abade dirige a “província”, cujos limites parecem coincidir com os do clã (40). Não havia, portanto, na época de Beda uma diocese episcopal. O típico bispado irlandês, e mesmo celta, sem território e de pouco poder, era provavelmente menos uma instituição original do que o trabalho do tempo (41). No começo provavelmente foi criado o bispado territorial, e só o desenvolvimento posterior deu o predomínio ao mosteiro. O aumento do poder do abade prende-se às condições eclesiásticas e sociais do país. E’ isso que Whitney nos tem a dizer sobre esse problema. Interessante é observar que a Igreja Bretã, que em muitos casos se assemelha à irlandesa, apresenta bispos diocesanos regulares, não existindo aí a grande autoridade dos abades, apesar da enorme importância de que gozavam os mosteiros entre os bretões. Na Irlanda, na maioria das vezes, o abade tinha atrás de si um monge que recebera a consagração episcopal (42). Como só o bispo tivesse o direito de ordenar, cada mosteiro procura ter um bispo e o mosteiro, sendo sede de um bispado, terá seu prestígio aumentado. Segundo Duchesne (43), há três tipos de organização de mosteiro. Pode existir lá um abade-bispo, um abade e um monge-bispo ou só um

(34). — Coulton, *Op. cit.*, p. 16

(35). — Schnuerer, *Op. cit.*, p. 317.

(36). — Gougaud, *Op. cit.*, p. 74.

(37). — Alguns autores, como Gannerou, E. — *L'Irlande depuis son origine jusqu'aux temps présents*, p. 43, afirmam que a família religiosa se computava como a tribo-chefe, de companheiros, vassallos, rendeiros e escravos.

(38). — Beda, *H. E.*, III, 4.

(39). — Coulton, *Op. cit.*, pp. 16-17.

(40). — Schnuerer, *Op. cit.*, p. 317.

(41). — Whitney, J. P., *Conversion of the Teutons*, cap. XVI; in *The Cambridge Medieval History*, p. 531.

(42). — Schnuerer, *Op. cit.*, p. 321.

(43). — Duchesne, L. — *L'Église au VIe siècle*, p. 594.

abade. Como afirma Beda, em Iona havia um abade e um bispo. O bispo de Lindisfarne era ao mesmo tempo o abade (44). São Columba “não foi bispo, mas sacerdote e monge” (45), ao qual todos obedeciam. De Lindisfarne, relata Beda o seguinte: “Sem dúvida, Aidan, que foi o primeiro bispo dêsse lugar, aí chegou com monges, sendo êle mesmo um monge, e instituiu uma vida monástica” (46). Em outro trecho, afirma: “Aidan, bispo foi êle mesmo um monge” (47). Essas passagens mostram claramente que o importante para os irlandeses era o fato de ser monge e não bispo. Beda afirma mesmo que “desde muito tempo nesse mesmo lugar (Lindisfarne), não só o bispo devia morar com seu clero, mas também o abade com seus monges” (48). O bispo irlandês não tinha uma concepção de vida diferente da de qualquer outro monge (49). Beda mostra isso a tôda hora, tratando da vida de Aidan e de Columba. A existência de bispos não territoriais dará mais tarde origem aos *episcopi vagantes*, que muito prejudicarão a reputação da Igreja Irlandesa (50).

Vê-se, portanto, que a Igreja Irlandesa é bastante original quanto à organização; nunca se fez, entretanto, objeção ao sistema seguido pelos irlandeses. Mesmo Beda, que a tôda hora critica os irlandeses por causa da fixação da data da páscoa e por causa de sua tonsura, nenhuma vez lhes condena a organização eclesiástica; pelo contrário, sempre louva a atuação dos abades irlandeses. Certamente não teria êle silenciado, se acreditasse que a organização estava em desacôrdo com as regras da Igreja Católica. Em Roma, conheciam a organização eclesiástica da Irlanda, mas não a reprimiam. Beda se refere às cartas (629-640) que os Papas Honório e João IV escreveram aos escotos, exortando-os a que fixassem a páscoa corretamente, sem se referirem, entretanto, à organização eclesiástica. Beda transcreve a última carta, na qual não se menciona essa particularidade irlandesa (51). E' exagêro falar em separatismo, pois todos os irlandeses reconheciam a supremacia romana. São Columba se refere ao Papa como “chefe da Igreja da Europa”, “pastor dos pastores” (52).

E' bom, entretanto, não esquecer que o monasticismo não era o único elemento da Igreja da Irlanda. Pela frase de Beda “pois eram na maioria monges que vieram para pregar” (53), percebe-se que também havia seculares. Não se deve, portanto, dizer que a Igreja Irlandesa era só monástica. Cumpre afirmar que era quase só monástica. Em muitos textos irlandeses do sé-

(44). — Beda, *H. E.*, IV, 27.

(45). — *Ibidem*, III, 4.

(46). — *Ibidem*, IV, 27.

(47). — *Ibidem*, III, 3.

(48). — *Ibidem*, IV, 27.

(49). — Hauck, A. — *Kirchengeschichte Deutschlands*, I, p. 243.

(50). — Gougaud, *Op. cit.*, p. 319.

(51). — Beda, *H. E.*, II, 19.

(52). — *Histoire de l'Église*, publicada por A. Fliche e V. Martin, IV, p. 389.

(53). — Beda, *H. E.*, III, 3.

culo VIII, queixam-se os autores da raridade de sacerdotes na Irlanda, pois a maioria era constituída por monges (54). Beda, entretanto, diz que para converter as províncias do rei Oswald vinham muitos escotos, “para ministrar a graça do batismo aos crentes, já que muitos dêles tinham o grau de sacerdotes” (55).

Será que Beda mostra como um mosteiro ou uma igreja eram fundados? O mosteiro era em geral construído em terreno doado por um rei ou um poderoso. O célebre mosteiro de Iona foi construído “quando reinava sôbre os pictos o todo poderoso rei Brídio, filho de Meilochon, no nono ano de seu govêrno, depois de Columba ter convertido essa nação; “em consideração a isso recebeu como possessão a dita ilha, para construir um mosteiro” (56). Essa doação dos pictos deu-se de forma idêntica à dos irlandeses na sua própria pátria. O clã, para mostrar sua gratidão, oferece o terreno para a construção do mosteiro. “A dita ilha (Iona) na verdade, pertencia por direito à Bretanha, sendo separada dela por um braço de mar não muito largo; mas, por doação dos pictos, que habitavam essas costas da Bretanha, foi dada há muito aos monges escotos, considerando que foi pela pregação dêles que receberam a fé em Cristo”: é o que diz Beda em outra passagem (57). Apesar de nem todos os autores estarem de acôrdo com o que diz Beda sôbre a fundação de Iona (58), êsse monge saxão do século VIII mostra muito bem qual teria sido o ideal irlandês na obtenção de um terreno para a construção de um mosteiro: era por doação absolutamente voluntária que queriam obter a área. Também Aidan, primeiro bispo de Lindisfarne, recebeu por doação a ilha, “o rei (Oswald) designou o lugar da sé episcopal na ilha de Lindisfarne, onde o próprio bispo desejava que fôsse” (59). Cedd, um inglês imbuído das tradições escotas recebidas em Lindisfarne, obteve do rei Ethelwald, filho do rei Oswald, uma área para o mosteiro; o rei “pediu que êle aceitasse alguma possessão de terra para si a fim de construir um mosteiro... concordando, pois, com os desejos do rei, o bispo escolheu um lugar para erigir seu mosteiro” (60). “Possessões e pedaços de terra eram dados pela liberalidade real para a instituição de mosteiros” (61). Apesar de serem ingleses os reis aos quais Beda se refere, êsses exemplos da *Historia Ecclesiastica* apenas confirmam os dados de outras fontes irlandesas. Os monges irlandeses, sempre que possível, construíram em terreno doado.

(54). — Gougaud, *Op. cit.*, p. 82.

(55). — Beda, *H. E.*, III, 3.

(56). — *Ibidem*, III, 4; os autores ingleses denominam êsses dois reis respectivamente Bruide e Maelchon.

(57). — *Ibidem*, III, 3.

(58). — F. E. Warren in *The Cambridge Medieval History*, II, p. 513, afirma que a ilha situada entre o reino Dalriade e o picto foi doada por um rei dos escotos de Dalriade e que essa doação posteriormente foi confirmada por Bruide.

(59). — Beda, *H. E.*, III, 3.

(60). — *Ibidem*, III, 23.

(61). — *Ibidem*, III, 3; o rei ao qual Beda se refere é Oswald.

Aliás, também no continente era essa a regra que prevalecia. Nem sempre, entretanto, o terreno era doado. Às vêzes, os monges se apossavam de um terreno rude e despovoado ou de uma ilha deserta, onde pudessem construir seu mosteiro ou cela sem serem molestados. Beda cita um exemplo de compra de terreno. Colman, descontente com o resultado do sínodo de Whitby, dirigiu-se, como já foi dito, para a Irlanda, onde fundou um mosteiro numa ilha deserta, Inisboufinde. Mas como não desse certo o empreendimento, Colman encontrando na Irlanda um lugar apropriado, “êlé comprou ao *comites* que o possuía, pequena parte para a construção do convento; com a condição, entretanto, de que os monges que aí morassem, orassem ao Senhor pelo dono que lhes permitira obter o lugar. E o mosteiro foi em seguida erigido com a ajuda do *comites* e dos vizinhos” (62). Em geral um mosteiro, depois de estabelecido, criava filiais. Assim o mosteiro de Clonard, um dos mais antigos da Irlanda, deu origem a muitos outros, inclusive ao de Bangor, célebre mosteiro perto de Belfast (63). Iona, sendo um centro importante deu também origem a muitos mosteiros. O mosteiro de Iona ou Hy, como era chamado na época, “foi por não pouco tempo a autoridade de todos os mosteiros de quase todos os escotos sentetrionais e de todos os pictos, e tinha a soberania sôbre êsses povos” (64). Iona tinha, portanto, autoridade sôbre quase todo o norte da Irlanda e sôbre a Escócia. Os monges escotos de Iona, “com êsses mosteiros que lhes eram sujeitos” (65), dirigiam a vida espiritual de boa parte das Ilhas Britânicas. “De ambos os mosteiros (Iona e Dearmach) muitas outras casas religiosas foram mais tarde difundidas por seus discípulos (de São Columba), tanto na Bretanha, como na Irlanda; entre todos, o mosteiro que fica na ilha (Iona), onde descança seu corpo, tem o *principatum*” (66). Lindisfarne surgiu dependendo de Iona. Pode-se, portanto, dizer que o universo monástico irlandês era formado por uma porção de sistemas de mosteiros, tendo cada sistema um centro, em tôrno do qual gravitavam as fundações secundárias.

Com relação ao modo como se fundava um mosteiro, a *Historia Ecclesiastica* fornece uma série de dados muito importantes. O bispo Cedd, inglês de nascimento, mas altamente influenciado pela educação irlandesa, que aparece em todos os atos de sua vida, fundara num terreno doado pelo rei Ethelwald o mosteiro de Lastingham, tendo antes organizado um ritual para purificar o sítio. Diz Stenton: “O jejum ritual, que se estende por uma quaresma inteira, pelo qual Cedd purificou seu lugar, é uma

(62). — *Ibidem*, IV, 4.

(63). — Schnuerer, *Op. cit.*, p. 318.

(64). — Beda, *H. E.*, III, 3; a palavra Iona surgiu devido a um êrro de leitura do adjetivo Iova.

(65). — *Ibidem*, V, 22.

(66). — *Ibidem*, III, 4; o mosteiro de Dearmarch fica na Irlanda e foi igualmente fundado por Columba.

ilustração singular do acento celta na Cristandade setentrional” (67). “Mas o homem de Deus, desejando primeiro limpar da antiga sordidez das iniquidades, por meio da oração e do jejum, o lugar que obtivera para o convento e assim sôbre êle colocar os fundamentos do mosteiro, pediu ao rei que concedesse a possibilidade e a licença de lá ficar a fim de orar todo tempo da quaresma, que estava chegando. Em todos êsses dias, exceto no domingo, prolongava o jejum até a noite, como era costume, e então comia só um pedaço de pão e um ovo de galinha com um puco de leite misturado com água. Dizia êle então que era o costume daqueles, dos quais aprendera as normas de uma disciplina regular, que lugares recentemente obtidos para a construção de mosteiro ou igreja, deviam primeiro ser consagrados a Deus por meio de orações e jejum” (68). E’ seu irmão, entretanto, que vai acabar êsse ritual, pois Cedd teve de interrrompê-lo por causa de um chamado do rei. Trata-se de um ritual impressionante, que mostra com todo vigor a dedicação dos monges irlandeses. Do trecho depreende-se que se tratava de um ritual regularmente praticado antes da construção de um convento.

Beda em diferentes passagens se refere à localização do mosteiro. Os monges irlandeses, devido à sua tendência ascética, tiveram sempre predileção por ilhas bastante pequenas, o que ficou comprovado pela escôlha de Iona, Lindisfarne, Inisboufinde. Iona, “não é grande, mas segundo as justas estimativas dos anglos comporta cinco famílias” (69). Iona era um lugar apropriado para o estabelecimento de convento de monges de ideal ascético. Era uma ilha afastada, mas não inacessível. Tinha algumas terras aproveitáveis para a agricultura e para pastagens (70). Montalembert tem a seguinte frase para caracterizá-la: “Nada de mais triste e de mais melancólico que o aspecto dessa ilha célebre”, e mais adiante “o único atrativo dessa sombria morada é a vista do mar e também a das montanhas de Mull e das outras ilhas” (71). Beda nos mostra a causa da escôlha de Lindisfarne por Aidan. O rei doou a ilha que Aidan desejava para sede de seu bispado. “O dito lugar é todo dia, devido ao fluxo e refluxo, duas vêzes envolto como uma ilha pelas ondas do mar; duas vêzes ligado à terra firme, com as praias nuas outra vez” (72). Percebe-se, assim, que o que interessa realmente aos ascetas irlandeses era um lugar mais ou menos isolado e afastado. Cedd “escolheu para si um lugar para erigir o mosteiro (de Lastingham) nas montanhas rudes e remotas, que pareciam ser mais esconderijos para ladrões e tocas de feras do que um lugar para a habitação de homens:

(67). — Stenton, *Op. cit.*, p. 121.

(68). — Beda, *H. E.*, III, 23.

(69). — *Ibidem*, III, 4.

(70). — Coultou, *Op. cit.*, p. 13.

(71). — Montalembert, *Op. cit.*, pp. 148-149.

(72). — Beda, *H. E.*, III, 3.

de acôrdo com a profecia de Isaias “em ninhos em que habitavam dragões podem aparecer os verdes das canas e dos juncos” (73). Outro santo irlandês, cuja vida foi retratada por Beda, escolheu para seu mosteiro um lugar agradável, “o mosteiro, porém, ficava na vizinhança agradável da floresta e do mar, sendo erigido em um castelo...” (74). Realmente os irlandeses gostavam de erigir seus conventos na floresta. São Columba “fizera, entretanto, antes de viajar para a Bretanha, um mosteiro célebre na Hibérnia, que, devido à quantidade de carvalhos, era chamado Dearmach na língua escota, isto é, campo de carvalhos” (*campus roborum*) (75). Os monges irlandeses também gostavam imensamente da região dos *moors* e *lochs* (76). Os monges irlandeses, ascetas, sempre procuravam um lugar sossegado onde pudessem meditar e estudar. São Fursa construiu um mosteiro “onde pudesse com mais liberdade ter tempo para se dedicar ao estudo das coisas celestes” (77).

Qual o aspecto de um mosteiro e de uma igreja irlandesa? Quase nada ficou conservado dessas velhas construções. Graças à falta de elementos arqueológicos em país celta, é difícil ter-se uma idéia bem clara do que tenha sido um mosteiro e uma igreja irlandesa da época de Beda. Certamente a tendência ascética também influiu no aspecto do convento irlandês. Beda nos dá algumas informações, que são de grande utilidade. Tôdas as construções parecem ter sido muito simples e primitivas e de maneira nenhuma podem ser comparadas com as do continente. Salvo raras exceções, como a célebre igreja de Kildare no Leinster, as igrejas e os mosteiros irlandeses são de madeira, cobertas de colmo. Através de Beda, percebe-se que a construção em madeira era uma especialidade irlandesa, “construir à maneira irlandesa” equivalia a dizer “construir com madeira”. Finan, o sucessor de Aidan em Lindisfarne, erigiu uma igreja episcopal “que, entretanto, segundo o costume dos escotos (*more scottorum*), êle construiu não com pedras, mas tôda com carvalho cortado, e cobriu-a com colmo” (78). Mais tarde, outro bispo, sob influência romana, “tirou o colmo e cobriu-a tôda com placas de chumbo, isto é, não só o teto, mas também as próprias paredes...” (79). A igreja de Aidan em Bamborough, na Nortúmbria, também era tôda de madeira, pois Beda conta que a igreja se incendiou “mas de maneira maravilhosa só o contraforte no qual esteve apoiado (Aidan), quando morreu, não foi devorado pelas chamas, que acabaram com tu-

---

(73). — *Ibidem*, III, 23.

(74). — *Ibidem*, III, 19.

(75). — *Ibidem*, III, 4.

(76). — Hauck, *Op. cit.*, p. 347; acha que não está certa a afirmação, tantas vezes repetidas, de que o estabelecimento e o cultivo em pântanos traía o costume irlandês.

(77). — Beda, *H. E.*, III, 19.

(78). — *Ibidem*, III, 25.

(79). — *Ibidem*, III, 25.

do ao redor" (80). Um rei dos pictos, catequisado pelos escotos, vendo que êsses não seguiam à risca as determinações da Igreja Romana, escreveu a um abade de Jarrow, um convento beneditino na Nortúmbria, pedindo "que se enviassem arquitetos para construir em seu país uma igreja de pedra, segundo o justo costume romano" (*romanorum morem*) (81). Aqui, certamente, deve ter influido sôbre o espírito simples dos pictos a grandiosidade e a monumentalidade das igrejas romanas, em oposição à modéstia das irlandesas. Os bretões construíam as igrejas também de madeira. Niniam, o primeiro evangelizador dos pictos, bretão de nascimento, mas educado em Roma, construiu a igreja assim chamada de *Candida Casa* por ser de pedra "segundo maneira não habitual entre os bretões" (*insolito Brettonibus more*) (82). Entre os celtas, uma igreja de pedra era uma raridade, pois por muito tempo se contentaram com rústicos oratórios feitos de tábuas ou de trançados (83). Quando São Malaquias, arcebispo de Armagh, quis construir uma igreja de pedra em Bangor, o povo protestou (84). Em alguns lugares onde havia falta de madeira, o que acontecia principalmente nas ilhas do norte, onde o vento impedia o crescimento de árvores, empregava-se o barro para as construções. As igrejas irlandesas eram na maioria muito pequenas, com 35 metros de comprimento no máximo (85). Algumas igrejas, como as de São Patrício, eram quadradas, a maioria, entretanto, apresentava uma planta circular ou oval (86). Muito mais que igrejas, os irlandeses construíam oratórios, devido a seu amor à vida de eremita.

O mosteiro irlandês não se assemelha de maneira alguma ao do continente. Gougaud compara o mosteiro irlandês a um *settlement* de pioneiros (87). Beda nos mostra o quadro de Lindisfarne, quando o mosteiro foi abandonado pelos monges irlandeses, depois do sínodo de Whitby: "Entretanto, mesmo o lugar em que governava atesta, como êle (Colman) e seus antecessores eram parcimoniosos e como evitavam todos os prazeres; nesse lugar por ocasião de sua partida muito poucas casas existiam além da igreja, isto é, sômente aquelas sem as quais a conservação da vida em comum era impossível" (88). O mosteiro irlandês caracteriza-se pela existência de uma porção de pequenas cabanas. Apresentava apenas as instalações estritamente necessárias. A civitas monástica constava além das celas dos monges, de oratórios, cozinha, refeitório, oficinas, escritórios, albergues e armazens.

(80). — *Ibidem*, III, 17.

(81). — *Ibidem*, V, 21.

(82). — *Ibidem*, III, 4.

(83). — Gougaud, *Op. cit.*, p. 34.

(84). — *Ibidem*, p. 315. São Malaquias (1095-1148) lutou pelo partido romano contra a velha Igreja Irlandesa.

(85). — *Ibidem*, p. 317.

(86). — *Ibidem*, p. 316.

(87). — *Ibidem*, p. 91.

(88). — Beda, *H. E.*, III, 26.

Tudo, entretanto, extremamente modesto (89). A cela do abade dominava o resto da *civitas*. As construções eram em geral feitas com muita pressa e sem capricho. As celas e a igreja ou oratório apresentavam quase sempre a forma de colmeia (90), pois o teto era formado por aproximação das paredes (91). Não raro existia um valo que circundava tudo (92) e é devido a essas fortificações que Trevelyan compara o convento irlandês a um *kraal* (93). São Columba instalou-se em Iona à moda irlandesa “cada monge tinha sua cela, sendo que êle tinha duas — uma para a biblioteca e a outra para morar, com chão de terra batida e uma pedra onde pudesse recostar (94). Os monges irlandeses evitavam tudo que fôsse conforto — seu ideal era o ascetismo, o que explica a rusticidade de seus mosteiros.

Não é apenas no aspecto exterior do mosteiro que se percebe a influência do ascetismo. O monasticismo irlandês apresenta uma tendência muito forte para o ascetismo e para a vida de eremita, que na Igreja do continente não aparece com tanto vigor e com tanta originalidade. Os irlandeses muito mais que qualquer outro povo, tinham propensão para essa vida de abnegação e de sacrifício. Os mosteiros irlandeses não apresentavam uma regra única. Parece que todo convento de certa importância tinha sua regra própria (95). “As tendências particulares dos grupos modelados em parte sôbre o sistema de clã deviam contribuir para aumentar a diversidade dos usos” (96). As *vitae sanctorum* e os anais atribuem aos santos leis e regras, que na maioria dos casos, entretanto, não são leis para os mosteiros, mas simples ensinamentos ascéticos ou outras observações quaisquer (97). Existem algumas regras de mosteiros, escritas em verso ou em prosa, que, entretanto, não correspondem ao que hoje se entende por regra monástica. Como regra monástica de fato só se pode citar a de São Columbano, que, apesar de ter sido redigida por monges continentais, nos dá muitas informações sôbre a vida monástica na velha Hibernia. Também na Irlanda os pontos fundamentais da disciplina monástica eram a obediência, a castidade e a pobreza. A vida monástica irlandesa deve suas características a êsse último voto. Tudo, a vida ascética, as peregrinações, a vida de eremita, decorre do voto de pobreza. Beda, na vida dos santos irlandeses que êle descreve, mostra nitidamente que é a pobreza a base de tudo, apesar de não se referir nenhuma vez a uma regra monástica ou aos votos.

(89). — Schnuerer, *Op. cit.*, p. 321.

(90). — Coulton, *Op. cit.*, p. 13.

(91). — Gougaud, *Op. cit.*, p. 91.

(92). — Coulton, *Op. cit.*, p. 13.

(93). — Trevelyan, *Op. cit.*, p. 54; *Kraal* é uma aldeia cercada por palissadas en-

(94). — Garnier, Ch. M. — *Histoire d'Ecosse*, p. 42.

(95). — Schnuerer, *Op. cit.*, p. 321.

(96). — Gougaud, *Op. cit.*, p. 86.

(97). — *Ibidem*, p. 86.



O autor da *Historia Ecclesiastica* mostra como os monges irlandeses viviam pobremente e como aproveitavam tudo que ganhavam em presentes para minorar a sorte dos pobres e infelizes. Não se interessavam pelas riquezas e só procuravam salvar as almas. Não esperavam nada do mundo. De Santo Aidan, o típico santo irlandês, asceta e milagroso, Beda diz: ...“não cogitava em querer ou amar algo desse mundo” (98). São Columbano faz do menosprêzo das riquezas a primeira virtude do monge. O monge só tem direito de possuir algo, se seu abade o permitir; também não tem direito de dispor de seus bens na hora da morte, a não ser que seu abade lho ordene (99). De acôrdo com as afirmações de Beda, o monge irlandês não possuía nada, “não tendo (Santo Aidan) nenhuma possessão própria, exceto a igreja e algumas parcelas de terras adjacentes” (100). Em Lindisfarne, por ocasião do sínodo de Whitby, “não tinham dinheiro, mas gado” (101). Essa afirmação deu margem a que se pensasse que talvez alguns monges tivessem direito a terem como propriedade particular algumas cabeças de gado. Parece mesmo que os eremitas tinham algumas cabeças de gado, pois o leite aparece na ração alimentar de alguns monges, como, por exemplo, na do bispo Cedd e na de Egbert, ambos ingleses de nascimento, mas vivendo rigorosamente segundo as tradições ascéticas da Hibernia (102).

Os monges naturalmente ganhavam presentes dos reis e dos poderosos. Davam-nos, entretanto, aos pobres ou então, iam usá-los para comprar a alforria de escravos. Aidan “alegrava-se em dar tudo que ganhava dos reis e dos poderosos do mundo aos pobres que encontrava”. ... “Nunca costumava dar dinheiro aos poderosos”. ... “mas tais presentes em dinheiro lhe eram liberalmente dados pelos ricos, os quais presentes, ou gastava, como dissemos, em esmolas para os pobres, ou para a redenção dos que injustamente haviam sido vendidos” (103). Os monges de Lindisfarne, “se ganhavam algum dinheiro dos ricos, imediatamente davam-nos aos pobres, pois não era necessário nem guardar o dinheiro, nem providenciar casas para receber os poderosos...” (104). Além disso, êsses monges irlandeses “estavam tão imunes a tôda infecção de avareza, que ninguém aceitaria territórios e possessões para construir um mosteiro, a não ser coagidos pelos poderosos do século” (105). Os monges irlandeses de Iona, “não es-

---

(98). — Beda, *H. E.*, III, 5.

(99). — Gougaud, *Op. cit.*, p. 89. São Columbano não deve ser confundido com São Columba, o fundador de Iona. São Columbano dedicou-se à evangelização na Europa continental, fundando diversos mosteiros de grande importância.

(100). — Beda, *H. E.*, III, 27.

(101). — *Ibidem*, III, 26.

(102). — *Ibidem*, III, 23; III, 27.

(103). — *Ibidem*, III, 5.

(104). — *Ibidem*, III, 26.

(105). — *Ibidem*, III, 26.

queceram de serem fervorosos na graça da caridade” (106). Como se seus exemplos não bastassem, os monges, como Aidan, “exortavam (os fiéis) não só com atos mas também com palavras a que dessem esmolas...” (107). Foi certamente devido à influência irlandesa que temos o belo episódio que Beda nos narra. O rei Santo Oswald, educado, ao que parece, em Iona, oferece aos pobres no banquete da páscoa não só os finos alimentos destinados a êle, mas também a bandeja de prata (108). Tudo isso mostra como a generosidade e a caridade constituem o traço característico do cristianismo irlandês.

Êsse ideal de pobreza está obrigatoriamente ligado a uma vida ascética. Os irlandeses tinham a convicção de que só os ascetas eram herdeiros legítimos de Jesús (109). Assim procuravam evitar tudo que lhes pudesse causar prazer, elemento que constitui o fator essencial para a compreensão das peregrinações dos irlandeses. Em diversas passagens, o autor da *Historia Ecclesiastica* mostra como os monges irlandeses eram moderados, parcimoniosos e como procuravam uma vida dura e cheia de sacrifícios. A tendência ascética manifesta-se de maneira acentuada no modo de rezar. O tempo gasto nas rezas é realmente espantoso. O Venerável Beda conta que certo monge irlandês, Andamnan, que vivia na Inglaterra “passava muitas vezes noites inteiras acordado a rezar” (110). Não tendo oportunidade para serem mártires exageravam os gestos da prece (111). A reza para êles nada mais era que uma forma de mortificação. Alguns faziam, por exemplo, 300 genuflexões ou prostrações por dia e por noite (112). Rezavam durante muito tempo com os braços estendidos em pé, ajoelhados ou deitados (113). Ficavam assim horas e horas imóveis com os braços estendidos, ou por penitência, ou por simples adoração. Os antigos cronistas irlandeses chamavam êsse tipo de prece de *crostigill* — *crucis vigília* (114). São bem conhecidas as maravilhosas lendas a que êsse tipo de mortificação deu origem — um passarinho, por exemplo, fêz seu ninho nas mãos de um monge que rezava. Apesar de serem exagerações poéticas, mostram muito bem as características dessas preces. Eram muito comuns os banhos penitenciais, uma imersão na água gelada de rios ou lagos, para a recitação de salmos (115). Os salmos constituem a matéria principal das orações na Igreja Irlandesa. Egbert, um inglês que vivia na Irlanda, “para ler as Sagradas Escrituras ou para viver mais estritamente”, prometeu, quando doente

(106). — *Ibidem*, III, 4.

(107). — *Ibidem*, III, 5.

(108). — *Ibidem*, III, 6.

(109). — Hauck, *Op. cit.*, p. 243.

(110). — Beda, *H. E.*, IV, 25.

(111). — Schnuerer, *Op. cit.*, p. 320.

(112). — Fliche e Martin, *Op. cit.*, p. 389.

(113). — Schnuerer, *Op. cit.*, p. 320.

(114). — Gougaud, *Op. cit.*, p. 98.

(115). — Schnuerer, *Op. Cit.*, p. 321.

que, se sarasse, “além, das horas de serviço regular, recitaria todos os dias todos salmos em homenagem à glória divina, se a fraqueza do corpo não o impedir” (116). De fato, a recitação dos salmos tem geralmente o caráter de penitência, tanto quanto são impostos, como quando são recitados voluntariamente (117). Gougaud acha que a maioria das confissões na Irlanda não tinham um caráter sacramental, mas eram simplesmente uma prática de ascetismo claustral (118). Parece que os irlandeses foram mais longe, introduzindo pela primeira vez o uso monacal da confissão entre os leigos. O confessor na velha língua irlandesa era denominado *aumchara*, o que quer dizer amigo da alma (119), isso devido à idéia da necessidade de um tratamento individual do penitente. Beda mostra como Andamnan se lembrou de um pecado cometido na juventude e procurou um padre, também irlandês, para confessar, “para escapar da ira futura”. O sacerdote então aconselha “uma grande ferida exige um maior remédio; e, portanto, debes jejuar, rezar e recitar os salmos o quanto podes...” (120). O jovem quis, então, fazer uma penitência muito rigorosa: “a noite inteira ficar em pé e rezar, (ficando) a semana inteira em abstinência” (121). O sacerdote, entretanto, moderou um pouco a penitência e prometeu voltar mais tarde para dar mais instruções; mas, como não voltasse, Andamnan, tipicamente celta, continuou pela vida inteira essa penitência. As penitências na Igreja Irlandesa sempre foram as mais duras possíveis. Também na vestimenta aparece o traço penitencial e a tendência ascética desses monges: “no tempo rude do inverno e com espesso gelo, sentado só com uma roupa muito fina” — é assim que Beda nos apresenta São Fursa (112).

O meio de maior mortificação, sem dúvida, é o jejum. Em alguns mosteiros o jejum era quase que perpétuo; São Columba dizia que, assim como se deve rezar todo dia, assim também se devia jejuar diariamente (123). O regime alimentar dos irlandeses era muito austero (124). Quanto ao número de refeições e quanto a hora delas, apenas se podem fazer conjeturas, como afirma Leclercq (125). Geralmente não comiam nada antes da nona hora da noite. Beda nos dá alguns exemplos, que podem confirmar essas hipóteses, apesar dele mostrar bem claramente que não era durante o ano inteiro que eles seguiam esse regime rigoroso. “Todos os homens e mulheres sob ordem religiosa, sendo naquele tempo ensinados por seu exemplo (bispo Aidan de

(116). — Beda, *H. E.*, III, 26.

(117). — Beda, *H. E.*, tradução de J. E. King, I, p. 488, rodapé.

(118). — Gougaud, *Op. cit.*, p. 278.

(119). — Schnuerer, *Op. cit.*, p. 328.

(120). — Beda, *H. E.*, IV, 25.

(121). — *Ibidem*, IV, 25.

(122). — *Ibidem*, III, 19.

(123). — Gougaud, *Op. cit.*, p. 102.

(124). — E' provável que o regime alimentar dos monges irlandeses fôsse semelhante ao dos beneditinos.

(125). — *Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne*, coluna 1447.

Lindisfarne) costumavam prolongar durante todo o ano, salvo 50 dias depois da páscoa, seu jejum no quarto e sexto dia da semana até a nona hora” (126). O jejum nesses dias era uma prática antiquíssima. Esse regime alimentar também vigorava em Iona, que era a matriz de Lindisfarne. Cedd, quando consagrou o terreno para construir o mosteiro de Lastingham “todos os dias, exceto no dia do Senhor, prolongava seu jejum até a noite” (127) Andamnan “nunca bebia ou comia, salvo no domingo e no quinto dia depois do Sabat” (128). Egbert, impregnado de cultura e de tradição irlandesa, quando esteve passando muito mal, prometera, além de outras coisas, “que em cada semana êle passaria um dia e uma noite jejuando” (129). Depois de curado, fêz êle outros votos como êsse de, “na quaresma, nunca comer mais que uma vez por dia, não provando então senão pão e leite muito diluido, e com a seguinte medida: costumava, é claro, colocar de véspera êsse leite na vasilha, e depois da noite, tendo sido retirado a nata, êle bebia o que restava com um pouco de pão, como dissemos. E essa espécie de abstinência êle costumava observar cuidadosamente por quarenta dias antes do Natal, e igual número de dias depois da festa de Pentecostes, isto é, cinqüenta dias depois da Páscoa” (130).

Vê-se que era muito pouco o que êsses monges irlandeses comiam. Cedd, quando consagrou o terreno, também “só comia um pouco de pão e um ovo de galinha com um pouco de leite diluido” (131). De outro monge, conta Beda que “sustentava seus últimos dias com pão de segunda qualidade e com água fria” (132). A alimentação de Iona era muito simples e consistia em pão (*paximatum*) (133), pão de aveia, leite, peixes, ovos, carne de foca (134). Gougaud chega a afirmar que se abstinham de carne, e, às vêzes, de peixe. Nos domingos e em dias de festas, ou quando chegava um hóspede, havia a *consolatio cibi* ou a *refectionis indulgentia*, com um prato de carne de vaca ou de carneiro (135). Como se percebe pelos exemplos citados por Beda, os monges irlandeses bebiam geralmente leite desnatado ou diluido, ou então água pura. Esse regime alimentar em um clima tão rude constituia um verdadeiro ato de heroísmo.

O trabalho era para o monge irlandês, como para todo cristão, o meio mais elementar de mortificação. Nas regras monásticas, muitas vêzes, o dia era dividido em um período para rezar,

- 
- (126). — Beda, *H. E.*, III, 5. A nona hora corresponde às três horas da tarde.  
(127). — *Ibidem*, III, 23.  
(128). — *Ibidem*, IV, 25.  
(129). — *Ibidem*, III, 27.  
(130). — *Ibidem*, III, 27.  
(131). — *Ibidem*, III, 23.  
(132). — *Ibidem*, V, 12.  
(133). — Gougaud, *Op. cit.*, p. 101.  
(143). — *Dictionnaire...*, col. 1447.  
(135). — *Ibidem*.

um para estudar e outro para trabalhar (136). O trabalho normal dos monges irlandeses estava relacionado com a agricultura. Há motivos para se acreditar que tenham sido os melhores agricultores da época. Seu exemplo sempre foi de influência pacífica e benéfica (137). Pôr o solo em produção sem auxílio de animais (138) não era uma tarefa muito fácil, ainda mais nas ilhas agrestes do norte. O trabalho manual, o trabalho da terra, era típico do eremita. São Fursa foi ter com seu irmão eremita e viveu “um ano inteiro com êle em continência e oração, trabalhando diariamente com as próprias mãos” (139). Cuthbert, o bispo de Lindisfarne, viveu durante algum tempo como eremita e, quando ia retirar-se para a ilha de Farne, afirmou “que se Deus lhe concedesse a graça de poder viver naquele lugar com o trabalho das próprias mãos, êle alegremente ficaria ali” (140). Os ingleses de Lindisfarne, que se retiraram com São Colman, depois do sínodo de Whitby, para a Irlanda, “vivem do trabalho das próprias mãos” em seu mosteiro de Muigeo (141). A *Historia Ecclesiastica* também mostra como Cuthbert, pede instrumentos de ferro e trigo para semear, quando êle se retirou para Farne (142). Os bretões do mosteiro de Bangor “costumavam viver todos do trabalho de suas mãos” (143). Não era só à agricultura que êses monges irlandeses se dedicavam; tinham também rebanhos como, por exemplo, os de Lindisfarne (144). Além disso, existia em uma *civitas* monástica tôda espécie de artesãos e trabalhadores necessários (145), que não raro eram verdadeiros artistas, como os ourives, os iluministas, os copistas, etc. Os mosteiros irlandeses tiveram grande influência na vida econômica não só da Irlanda, mas também de outros países, pois introduziram uma divisão de trabalho, podendo assim prosperar e formar verdadeiros centros de cultura (146). Devido à segurança, muitos mosteiros se transformaram em mercados e em centros de artesanato, na Irlanda (147). Não se deve esquecer que até o período das invasões normandas, a Irlanda era um país sem cidades.

\*

Para alguns monges, entretanto, a vida monástica com seus rigores não era suficiente. Alguns, abandonando a pátria, tornavam-se peregrinos; outros, eremitas em ilhas ou lugares inacessíveis.

(136). — Gougaud, *Op. cit.*, p. 67.

(137). — Mackintosh, J. — *Scotland*, p. 18.

(138). — Schnuerer, *Op. cit.*, p. 320.

(139). — Beda, *H. E.*, III, 19.

(140). — *Ibidem*, IV, 28.

(141). — *Ibidem*, IV, 4.

(142). — *Ibidem*, IV, 28.

(143). — *Ibidem*, II, 2.

(144). — *Ibidem*, III, 26.

(145). — *Dictionnaire...*, col. 1447.

(146). — Garnier, Ch. M. — *Eiré — Histoire d'Irlande*, p. 23.

(147). — Curtis, E. — *A History of Ireland*, p. 12.

síveis; outros escolhiam essas medidas, para poderem viver uma vida contemplativa e de privações mais rigorosas. Desde as épocas mais remotas, a alma irlandesa se caracteriza por um intenso amor pela pátria, pelas belezas naturais; e, mesmo nas *vitae sanctorum*, êsse traço aparece constantemente. Como se explica que um povo que revela tão grande amor pela sua terra possa abandoná-la para ser peregrino ou eremita? E, como num paradoxo, os irlandeses são os primeiros missionários famosos pela sua *consuetudo peregrinandi* (148). O espírito celta é especialmente místico e os monges irlandeses ofereciam a Deus o exílio voluntário. Para êles, isso nada mais era que um meio de mortificação, e certamente o mais rigoroso para êles que tanto amavam sua terra. Na Irlanda, não havia mártires pela fé. Flower (149) transcreve um documento do século VII, que diz que o “martírio branco é aquêl em que um homem se afasta, por amor a Deus de tudo que êle ama, apesar de sofrer jejum e trabalho com isso”. Os monges irlandeses sofreram, portanto, o “martírio branco”. Morrer no exílio, com uma terra estranha para sepultura era para o irlandês a maior das abnegações e a corôa de tôda a vida religiosa (150). Na *Historia Ecclesiastica* há o caso de Egbert, que vivia na Irlanda e que quando ficou doente fêz o voto “de aí viver como peregrino, de tal maneira que nunca voltaria para a ilha em que nascera, isto é, para a Bretanha” (151). Isso demonstra que essa attitude era tão geral na Irlanda, que até um inglês foi atingido por êsse modo de agir. Também São Fursa “deixou tudo que parecia possuir e partiu da ilha que era sua pátria” (Irlanda) (152). Mais do que qualquer outro fator, a vontade de levar o ascetismo ou simplesmente o cristianismo aos outros povos fêz com que os irlandeses se transformassem em peregrinos. Constitui mérito dos irlandeses o fato de terem sido o primeiro povo na história da Europa a levar o cristianismo para fora de suas fronteiras, e isso em larga escala, fato que teve grande importância para a formação de uma cultura cristã no Ocidente. Beda, na sua *Historia Ecclesiastica* torna-se nesse caso uma fonte imprescindível, porque nos dá êle sempre as reais causas da peregrinação dos irlandeses e mesmo da vida de eremita. “Daí grande número (de monges) começou a vir, com o passar dos dias, do país dos escotos para a Bretanha, para, com grande devoção, pregar a palavra da fé” (153), isso depois de Aidan ter escolhido como sede de seu bispado Lindisfarne...; “na maioria eram monges que vieram para pregar” (154). A propósito do fundador de Iona,

---

(148). — Flower, *Op. cit.*, p. 19.

(149). — *Ibidem*, p. 19.

(150). — *Ibidem*, p. 57.

(151). — Beda, *H. E.*, III, 27.

(152). — *Ibidem*, III, 19.

(153). — *Ibidem*, III, 3.

(154). — *Ibidem*, III, 3.

São Columba, surgiram as lendas mais interessantes sôbre o motivo de ter abandonado a pátria. Inúmeros autores modernos (Duchesne, Montalembert) afirmam, baseados em hagiografias, que Columba dera origem a uma luta entre seu clã e outro e, tendo havido muitas mortes, fôra obrigado pela Igreja a exilar-se e converter tantos pagãos quantas mortes causara (155). Outros autores duvidam dessa explicação. Beda apenas relata que São Columba veio da Irlanda “para pregar a palavra de Deus nas províncias sentetrionais dos pictos” (156). Beda certamente teria narrado o acontecimento se se tratasse de um fato verídico ou se conhecesse a lenda. Andamnan, biógrafo de São Columba, não se refere também a êsse acontecimento; diz apenas que *pro Christo peregrinare volens* (157). A peregrinação era também um meio de salvar a alma. Egbert levou na Irlanda uma vida de peregrino, para alcançar a “pátria do céu” (158); outro monge levava na Hibernia “uma vida peregrina pelo Senhor” (159). A peregrinação era também um meio para alcançar sossêgo e Beda diz que São Fursa deixou a Irlanda, pois “não aguentava fâcilmente a comoção do povo” (160).

No modo de viajar, os irlandeses encontraram um meio de mortificação, um elemento para seu ideal ascético. As viagens sempre eram feitas a pé. Algumas ordens proibiam o uso de cavalo ou de veículo para as viagens. Só aos velhos era permitido viajar a cavalo (161). A viagem a pé era considerada como tradição apostólica. Chad, discípulo de Aidan, “viajava não a cavalo, mas a pé, segundo o costume dos apóstolos” (*more apostolorum*) (162). Andar a pé não era apenas um meio de mortificação, mas tinha ainda outra finalidade; Aidan “costumava viajar por todos os lugares, quer pelas cidades, quer pelos campos, não a cavalo, mas a pé, exceto se uma necessidade muito forte o impelisse, para que, se avistasse alguém, rico ou pobre, enquanto estivesse andando, pudesse voltar-se incontinenti para êle, ou para que recebesse a fé do sacramento, tratando-se de um infiel, ou para lhe fortificar a fé, sendo algum fiel; e a todos exortava por palavras e atos a que dessem esmolas e a que executassem boas obras” (163). O fato que Beda nos conta do cavalo que o rei Oswy deu a Aidan bem mostra que os irlandeses não tinham vontade de viajar a cavalo. Oswy “dera ao bispo Aidan um cavalo muito bom, no qual êste, apesar de acostumado a andar, pudesse atravessar rios torrentosos, ou acabar sua viagem, se hou-

---

(155). — Duchesne, *Op. cit.*, p. 595.

(156). — Beda, *H. E.*, III, 4.

(157). — Gougaud, *Op. cit.*, p. 139.

(158). — Beda, *H. E.*, V, 9.

(159). — *Ibidem*, III, 19.

(160). — *Ibidem*.

(161). — Gougaud, *Op. cit.*, p. 163.

(162). — Beda, *H. E.*, III, 28.

(163). — *Ibidem*, III, 5.

ver uma outra necessidade” (164). Aidan, querendo dar uma esmola, deu o cavalo a um pobre.

Os irlandeses sempre procuravam visitar todos os lugares, as cidades e os campos. Cuthbert “costumava, porém, percorrer principalmente êsses lugares e pregar nessas pequenas vilas, que ficavam nos íngremes e ásperos montes, que outros tinham horror de visitar, e que, por causa de sua pobreza e rusticidade, afastavam os mestres” (165). Na peregrinações, portanto, também aparece essa tendência de isolamento.

Não raro os monges irlandeses se subtraíam de vez em quando à vida em comum, para viverem temporariamente em qualquer rochedo ou lugar inacessível. Cuthbert viveu, como já foi dito, durante algum tempo numa pequena ilha — Farne —, que dista nove milhas da igreja de Lindisfarne (166). “Mas o lugar era inteiramente destituído de água, cereais e floresta e ainda menos adequado à habitação humana, por causa da freqüência de espíritos malignos”. Depois de ter expulsado tais espíritos, fêz êle “uma estreita habitação para viver, circundada por uma muralha e com a ajuda dos irmãos, construiu as casas necessárias, isto é, um oratório e uma moradia comum... “Êle serviu a Deus solitariamente durante muitos anos, e tal era, porém, a altitude da muralha que circundava sua moradia, que só podia ver o céu, em que desejava entrar” (167). Na Irlanda surgiram eremitas “às dúzias e às centenas, espalhados pelos rochedos e pelas tristes praias do Atlântico (168). Muitos dos monges irlandeses, depois de uma vida cheia da atividade, querem “terminar seus dias como eremita”, como afirma Beda a respeito de São Fursa (169).

Os monges peregrinos eram sempre muito bem vistos na época de Beda. “Assim, em qualquer lugar que um clérigo ou monge chegasse, era recebido com alegria por todos, como um servidor de Deus: também se um dêles ia fazer uma viagem, corriam para êle, fazendo-lhe curvaturas, e se alegravam muito em receber o sinal de sua mão ou a bênção de sua boca, e também davam atentos ouvidos às suas palavras de exortação” (170), isso diz Beda com relação aos monges de Lindisfarne. Os monges em todos seus empreendimentos tiveram êxito. “Nos domingos, geralmente, o povo confluía de bom grado ou para a igreja ou para os mosteiros, não para recrear o corpo, mas para ouvir o sermão de Deus, e, se um sacerdote chegasse a uma vila, o povo imediatamente reunido, desejava ouvir dêle a palavra da vida” (171). Para gozarem de tal estima do povo, êsses monges irlandeses deviam ter qua-

---

(164). — *Ibidem*, III, 14.

(165). — *Ibidem*, IV, 27.

(166). — *Ibidem*.

(167). — *Ibidem*, IV, 28.

(168). — Lowless, E. — *The story of Ireland*, p. 38.

(169). — Beda, *H. E.*, III, 19.

(170). — *Ibidem*, III, 26.

(171). — *Ibidem*.



lidades excepcionais. “Entre outras lições Aidan deixou aos clérigos um exemplo muito salutar de abstinência e de continência; e isso muito recomendava sua doutrina a todos, pois o que ensinava não era diferente da vida que levava com os seus” (172). Essa frase do Venerável Beda nos mostra porque êsses monges eram tão queridos e porque alcançaram tão grande êxito. Em outro trecho, Beda mostra que Aidan procurava “não negligenciar nada do que tinha aprendido nos Evangelhos ou nos escritos apostólicos ou proféticos, mas procurava realizar tudo nas medidas de suas fôrças” (173). O apóstolo de Iona, São Columba, “converteu a nação (dos pictos) para a fé de Cristo pela palavra e pelo exemplo” (174). Vê-se que para Beda a razão do sucesso dos monges irlandeses está no fato de serem exemplos de bondade e de virtude. Oswald pedira um bispo a Iona, de lá veio “um homem de ânimo austero” que não obteve os resultados desejados. Aidan, então ainda simples monge, disse que lhe parecia que êsse bispo “fôra rigoroso demais para com os ouvintes ignorantes, e que êle não lhes dera primeiro o leite de uma doutrina mais suave, de acôrdo com a instrução justa dos apóstolos, até que, paulatinamente alimentados com a palavra de Deus, pudessem receber as coisas mais perfeitas e realizar os mais altos preceitos de Deus” (175). E’ realmente pela suavidade, pelo bom senso, pela bondade que procuravam converter. São Fursa conseguiu converter e reforçar a fé em muitos corações “não só pelo exemplo, mas também pelo incitamento do sermão” (176). Egbert, conseguiu seu intento, quando foi da Irlanda para Iona, a fim de converter os irlandeses para que marcassem a páscoa como em Roma, “sendo um professor suavíssimo e executor devoto das coisas que ensinava deverem ser feitas” (177). Todos os monges irlandeses dos quais Beda fala fazem-se notar pela humildade, caridade, mansidão, simplicidade, continência, abstinência, etc. (178).

Os mosteiros irlandeses não eram apenas célebres devido ao ideal ascético. Havia ainda outro fator que atraía inúmeros peregrinos e monges não só da Inglaterra, mas também do continente, a partir do século VII. “Havia naquele lugar (Irlanda) muitos nobres e também gente do povo da raça dos anglos, que na época dos bispos Finan e Colman, deixando sua pátria ilha, partiram para aí ou para lerem as Santas Escrituras, ou para viverem, mais rigorosamente” (179). Assim, além da vida ascética, a cultura irlandesa atraía inúmeros peregrinos e Beda nos dá uma lista bastante grande dos que por um ou outro motivo procuraram a Ir-

---

(172). — *Ibidem*, III, 5.

(173). — *Ibidem*, III, 17.

(174). — *Ibidem*, III, 4.

(175). — *Ibidem*, III, 5.

(176). — *Ibidem*, III, 19.

(177). — *Ibidem*, V, 22.

(178). — *Ibidem*, III, 17; III, 27, etc.

(179). — *Ibidem*, III, 27.

landa. Por exemplo, Angilbert, o futuro arcebispo de Paris, “demorou não pouco tempo na Hibernia, para ter a oportunidade de ler as Escrituras” (180). Os mosteiros irlandeses eram verdadeiros redutos de cultura, enquanto o resto do mundo ocidental se assemelhava a um vasto campo de batalha. A Europa continental, atribulada não só por questões internas, mas também pelas numerosas invasões, não constituia um campo favorável ao estudo e à meditação. A Irlanda, tendo escapado incólume do perigo das invasões bárbaras, conseguiu dedicar-se à cultura e guardar para épocas futuras tôda a herança cultural do Mundo Antigo, que sem a dedicação dos monges irlandeses, teria fatalmente desaparecido. Era realmente a *insula sanctorum et doctorum*. Não é, porém, na época de Beda que encontramos os maiores sábios, mas sim no século IX, com John Scotus Erigena. Beda, entretanto, já reconhece a superioridade cultural dos irlandeses, o que demonstra em numerosas passagens. Withbert, pregador da Frísia, “era um homem notável pelo desprezo do mundo e pelo conhecimento da doutrina (pois vivera muitos anos um vida de eremita de muita perfeição como peregrino na Irlanda)” (181).

Apesar de terem sido os copiadores e conservadores das obras clássicas, a base da cultura irlandesa era formada pelas Santas Escrituras. O pensamento irlandês estava, na época de Beda, impregnado pela Bíblia. Quando não se sabia algo sobre um santo, lançava-se mão da Bíblia, para encontrar um paralelo (182). Os primeiros missionários irlandeses não tiveram lazer para se dedicarem à cultura, mas mais tarde eles serão pessoas extremamente versadas nas Santas Escrituras. Esses monges tinham o hábito de dedicar certa parte do dia ao estudo e à meditação. As regras monásticas exigiam-no. “Ainda sua vida (Aidan) estava bem distante da ociosidade de nosso tempo, que todos os que andavam com êle, se eram religiosos ou leigos, deviam meditar, isto é, deviam dar-se ao trabalho de ou ler as Escrituras ou recitar os salmos. Êste era o exercício diário dêle e de todos os que estavam com êle, a qualquer lugar que chegassem” (183). Criaram também escolas ligadas aos mosteiros, “as pequenas crianças dos anglos, juntamente com os mais velhos, eram instruídos por professores escotos nos estudos e na observação da disciplina monástica” (184).

Parece que a introdução do latim como língua litúrgica data da época de São Patrício (185). A adoção do latim foi, sem dúvida, um fato de grande importância. A cultura irlandesa caracteriza-se por usar ao lado do latim também a língua materna com

---

(180). — *Ibidem*, III, 7.

(181). — *Ibidem*, V, 9.

(182). — Gougaud, *Op. cit.*, p. 260.

(183). — Beda, *H. E.*, III, 5.

(184). — *Ibidem*, III, 3; Beda se refere aqui a Lindisfarne.

(185). — Curtis, *Op. cit.*, p. 7.

grande intensidade, fato praticamente inexistente na Europa continental da época (186). A língua gaélica era usada para obras leigas e sacras. Na Irlanda, a educação religiosa sempre esteve aliada à educação literária (187). Os monges irlandeses também se dedicavam à astronomia; tinham, por exemplo, noção do antípoda e da redondeza de terra (188); dedicavam-se a cálculos cronológicos. Gougoud, entretanto, critica a cultura irlandesa e a taxa de indigesta e desorganizada (189); ainda mais, que empregavam com grande freqüência uma linguagem hermética, o que veio prejudicar grande número de obras. Talvez o uso dessa linguagem estivesse ligado ao ideal ascético: dar trabalho à inteligência.

Tôdas as obras literárias eram copiadas com especial carinho e sempre iluminadas e ilustradas. Mas também em outros campos artísticos os monges irlandeses se sobressairam. Entretanto, a originalidade artística do irlandês teve seu apogeu nos séculos VIII e IX, e é certamente por isso que Beda não se refere à arte irlandesa. O temperamento individualista e o ideal ascético determinaram os rumos da arte e da literatura irlandesas. Onde pôde dar vazão à imaginação, encontramos obras de grande beleza.

Como os irlandeses, que jamais foram romanizados, conseguiram obter êsse grande cabedal de cultura e como, se antes da cristianização não tinham aprendido o latim, conseguiram criar uma rica literatura baseada nessa língua? Gougoud (190) acha que isso se deve aos gauleses que buscavam fugir dos germanos, aos monges vindos de Bizâncio e ao afluxo de bretões. Para Dunlop, são os monges fugitivos dos hunos que fizeram a fortuna cultural da Irlanda (191). Certamente a superioridade cultural dos irlandeses sôbre os outros povos europeus da época não deve ser explicada apenas por um fator, mas por muitos agindo em conjunto. Toynbee, sem dúvida tem razão quando afirma que essa superioridade foi favorecida por uma segregação de um século e meio (192).

Para o grande historiador inglês George Macaulay Trevelyan, o mérito dos monges irlandeses no campo cultural se resume nas seguintes frases: “enquanto o Papa Gregório o Grande repreendia um bispo gaulês por estudar gramática e poesia latinas, os cristãos irlandeses salvaguardavam (a cultura clássica) para o mundo no seu longínquo recanto, onde a censura papal não era ouvida. Daí levaram-na para a Inglaterra o bispo Benedict e Beda, onde frutificou amplamente; finalmente, nos dias de Car-

---

(186). — Schnuerer, *Op. cit.*, p. 318.

(187). — Gougoud, *Op. cit.*, p. 250.

(188). — *Ibidem*, p. 242.

(189). — *Ibidem*, p. 279.

(190). — *Ibidem*, p. 240.

(191). — Dunlop, R. — *Ireland*, p. 13.

(192). — Toynbee, A. — *A Study of History*, II, p. 328.

los Magno, foi levada por Alcuino através do mar para começar a reconquista do continente iletrado” (193).

Para Beda, entretanto, não é a organização tipicamente monástica, o ascetismo ou a cultura o que mais caracteriza e individualiza a Igreja Irlandesa. A toda hora, fala êle, reprovando, do modo dos irlandeses marcarem a data da páscoa. Percebe-se que sentia profundamente que a Hibernia não seguisse Roma nessa questão. Aidan “tinha o costume de observar o domingo da páscoa, segundo o costume de sua gente, como muitas vezes já mencionamos, o 14.<sup>o</sup> dia depois da mudança da lua até o 20.<sup>o</sup> . . . , acreditando que seguia essas observações escritas pelo santo padre Anatólio digno de louvor” (194). O interessante é que só os irlandeses do norte e os pictos seguiam êsse uso. Beda diz que os irlandeses do sul “há muito tinham aprendido a observação da páscoa pelo rito canônico devido à admoestação do bispo da sé apostólica” (195). O sínodo de Whitby [664] vai resolver êsse problema com relação à Inglaterra. Beda transcreve inúmeras discussões entre os defensores do rito romano e do irlandês. A grande importância dêsse sínodo decorre do fato de a Inglaterra deixar de fazer parte da esfera de influência do cristianismo celta, para passar ao da influência romana. Para a Irlanda a consequência do sínodo de Whitby será que os peregrinos e os missionários, já não encontrando na Inglaterra um campo tão vasto, vão agora de preferência procurar o continente. Ligado ao problema da páscoa, há o problema da tonsura, que era diferente da romana, sendo, entretanto, difícil estabelecer qual tenha sido exatamente a diferença.

Quais as causas dessas características do cristianismo irlandês? Em geral costuma-se explicar as características da Igreja Irlandesa e o florescimento monástico imediatamente após a obra de São Patrício pelas particularidades da alma irlandesa. Afirmaram inclusive que o conceito de santidade dos irlandeses diferia muito do dos outros povos cristãos da Europa. Beda também conseguiu enxergar algumas causas dessa organização tão original. Explica-a, dizendo que os irlandeses viviam “no extremo canto do mundo” (196) e, “sendo homens tão afastados do resto do mundo, ninguém lhes enviava os decretos de observação da páscoa dos sínodos” (197). Beda, sem dúvida, tem razão em grande parte. Sem dúvida “a *Voelkerwanderung angla transmarina*, que deu aos celtas britânicos o golpe aniquilador, fez a fortuna dos celtas irlandeses” (198). A segregação que se deu na época de seu desenvolvimento tornou possível o aparecimento dessa *Far Western*

---

(193). — Trevelyan, *Op. cit.*, p. 55.

(194). — Beda, *H. E.*, III, 3.

(195). — *Ibidem*, III, 3.

(196). — *Ibidem*, V, 15.

(197). — *Ibidem*, III, 4.

(198). — Toynbee, *Op. cit.*, II, p. 323.

*Christian Civilization*, como Toynbee denomina a velha civilização irlandesa. A Irlanda, entretanto, não foi poupada pelos normandos. As incessantes invasões normandas enfraqueceram bastante a Igreja Irlandesa, pois esse povo invasor depois de cristianizado procurou aproximar-se sempre mais da Igreja Romana graças ao contínuo contacto com seus irmãos da Grã-Bretanha. Por ocasião da invasão inglesa (1172) a Igreja Irlandesa já tinha perdido a maioria de suas características e a liberdade.

A Igreja Irlandesa que é a dos contrastes, produziu grandes personalidades, mas sempre foi desorganizada. Trevelyan soube caracterizá-la muito bem: "Os méritos e as limitações da Igreja Irlandesa estavam intimamente ligados, o sôpro de liberdade e a escôlha individual implicavam numa frouxidão de organização, que deixou à Igreja pouco vigor quando o primeiro impulso dou-rado tinha despendido sua fôrça" (199).

MARIA THEREZA SCHORER

Licenciada em Geografia e História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

\*

\* \* \*

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA.

- BAEDAE. — *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*, com uma tradução de J. E. King; 2 volumes, Loeb Classical Library, Londres, 1930.
- BEDA. — *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*, tradução de John Stevens, revista por Lionel C. Jone; Everyman's Library, Londres.
- The Cambridge Medieval History*, vol. II; planejada por J. B. Bury, Cambridge at the University Press, 1936.
- COULTON, G. G. — *Scottish Abbeys and Social Life*; Cambridge at the University Press, 1933.
- CURTIS, Edmund. — *A History of Ireland*; 5a. edição, Methuen & Co. Ltda., Londres, 1945.
- Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne et de Liturgie*, publicado por Dom Fernand Cabrol e Dom Henri Leclercq; verbetes "Iona" e "Irlanda", vol. VII; Librairie Letouzey et Ané, Paris, 1927.
- DUCHESNE, L. — *L'Église au VIe siècle*; E. de Boccard, Successeur, Paris, 1925.
- DUNLOP, Robert. — *Ireland-From the Earliest Time to the Present Day*; Oxford University Press, 1922.
- FLOWER, Robin. — *The Irish Tradition*; Oxford University Press, 1942.
- GANNERON, E. — *L'Irlande — Depuis son Origine jusqu'aux Temps présents*; Alfred Mane et fils Éditeurs, Tours; 1888.
- GARNIER, Charles M. — *Eiré — Histoire d'Irlande*; Editions Montaigne, 1945.
- GARNIER, Charles M. — *Histoire d'Écosse*; Editions Montaigne, 1945.

- GOUGAUD, Dom Louis. — *Les Chrétientés Celtiques*; Librairie Victor Lecoffre, Paris, 1911.
- JACQUIN, A. M. — *Histoire de l'Église*, tomo II — *Le Haut Moyen Âge*; Desclée de Brouwer et Cie, Paris, 1936.
- HAUCK, Albert — *Kirchengeschichte Deutschlands*; parte I; J. C. Heinrichs'sche Buchhandlung, Leipzig, 1922.
- Histoire de l'Église, depuis les origines, jusqu'à nos jours*, vol. IV — *De la Mort de Theodose à l'Élection de Gregoire le Grand*; publicada sob a direção de FLICHE, Aug. e de MARTIN, Victor, Bloud & Gay, 1945.
- LOWLESS, Emely. — *The Story of Ireland*; G. P. Putman's Sons, N. York, 1889.
- MACKINTOSH, John. — *Scotland — From the Earliest Time to the Present Century*; F. Fisher Unwin, Londres.
- MONTALEMBERT, Le Comte de. — *Les Moines d'Occident*, vol. II; Librairie Jacques Lecoffre, 1878.
- SAYLES, G. O. — *The Medieval Foundations of England*; Methuen & Co. Ltda., Londres, 1950.
- SCHNUERER, Gustave. — *L'Église et la Civilisation au Moyen Âge*, vol. I; Payot, Paris, 1933.
- STENTON, F. M. — *Anglo-Saxon England*; 2a. edição, Oxford at the Clarendon Press, 1950.
- TREVELYAN, George Macaulay. — *History of England*; Longman, Greer and Co., 1948.
- TOYNBEE, Arnold J. — *A Study of History*, vol. II; Oxford at the University Press.